

## Síntese do Primeiro Encontro

### O Seminário, Livro I<sup>1</sup>

#### Antecedentes

Aos que entram em contato com Seminários de Lacan pela primeira vez, vale destacar que as Jornadas de Psicanálise não se propõem a serem cursos de Psicanálise, mas um grande grupo de estudos, com fóruns de debates aquecidos e enriquecedores dos temas e respectivos interlocutores. Psicanálise e Linguística, a Jornada anterior, enfocou formulações teóricas de Lacan acerca de conceitos-chave de língua(gem), tais como, *significante*, *significado*, *metáfora* e *metonímia*, tendo visitado autores como Saussure e Jakobson, entre outros. Já a presente Jornada enfoca a leitura dos Seminários de Lacan, de modo que o primeiro encontro é sobre o Livro I – Os escritos técnicos de Freud, cujas observações gerais inspiram a presente síntese.

Assim, no contexto da presente Jornada, além da ótima arguição de nosso palestrante, tomo como ponto de partida seu roteiro de leitura, oferecido aos participantes e com o qual os pontos principais do Encontro são apresentados:

- ✓ O seminário,
- ✓ A confusão na análise,
- ✓ A história não é o passado,
- ✓ Teorias do ego.

Cada um dos pontos desse roteiro foi desenvolvido de forma ampla no Encontro, mas será brevemente descrito, a seguir:

#### O Seminário

É importante destacar que O Seminário – Livro I - se ocupa do pensamento freudiano de forma dialética, ou seja, sempre aberta a revisões. A dialética, como base filosófica, permite a Lacan falar da filosofia (psicanalítica) “de dentro”, não para ser curioso ou original, mas porque, de outro modo, seria uma filosofia insatisfatória. Esse olhar “de dentro” é praticado pelo próprio Freud, segundo Lacan, ao querer compreender os sonhos, uma atitude ousada e corajosa no cenário da psicanálise clássica de seu tempo, de *má linguagem*, que forja uma filosofia psicanalítica técnica, distanciada dos fatos, dentro de laboratórios.

---

<sup>1</sup> Autora: Janaina Behling - mestre em Linguística Aplicada pela Unicamp – SP. Colaboradora do GEPALLE – Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Alfabetização, Leitura, Letramento e Ensino (USP-RP), ancorado nas Ciências do Conhecimento, na Análise do Discurso de linha francesa (Michel Pêcheux) e na Psicanálise Lacaniana.

Junto dos sonhos, dialeticamente, uma linguagem mítica e poética resplandece freudianamente como representativa dos conflitos humanos, na qual encontra sua estrutura edípica, permitindo a Freud colocar-se, ele mesmo, como objeto de estudo (que sonha). E, ao elevar o sonho a uma categoria de análise, cria na linguagem poética uma expressão própria considerada, evidentemente, *má linguagem* pelas cátedras.

Assim, de Freud a Lacan, é na análise pessoal que se faz o progresso da psicanálise como realização da clínica, como satisfação dos conflitos que evolua para algum conforto psíquico eficaz. A análise pessoal, portanto, é matéria de extrema complexidade para a clínica psicanalítica, posta em suspensão por Lacan, seja enquanto método ou como essência, entre o tecnicismo e a humanização profissional, porque

“O que motiva e justifica esta forma é que cabe alertar algum prático inexperiente que gostaria de se lançar na análise, o que é preciso lhe evitar um certo número de confusões quanto à prática do método, quanto à sua essência também” (Lacan, O momento da Resistência, p.16).

### **A confusão na análise**

Freud não fala de técnicas psicanalíticas, segundo Lacan. Na própria interpretação dos sonhos, *técnica* é apenas um assunto intermediário sobre a clínica, algo que cria para a própria Psicanálise uma determinada confusão em relação à análise. Não há consenso, então, sobre qual *má linguagem*, seja a técnica ou a poética, digamos, estaria mais ou menos próxima de bem suceder a análise clínica psicanalítica freudiana, a partir do olhar de Lacan.

Essa ausência de consenso é marcada até os dias atuais, segundo o nosso palestrante. Hermetismo, fortes delimitações teóricas, rebuscamentos de linguagem são maneiras atuais de proceder o pensamento e a prática psicanalítica na contemporaneidade das singularidades. Lacan, a esse respeito, indaga:

“(...) Coloco vocês a par de que, atualmente, entre os analistas (...) não existe talvez um único que tenha, no fundo, a mesma ideia que qualquer outro dos seus contemporâneos ou vizinhos a respeito daquilo que se faz, daquilo a que se visa, daquilo que se obtém, daquilo de que se trata na análise” (Lacan, idem, p. 18 e 19)

### **A história não é o passado**

A narrativa, como fenômeno linguístico, ou seja, como recurso do dizer espontâneo e indócil, ou como gênero discursivo, ou seja, um recurso do dizer relativamente estável, sistêmico, reconstitui o passado, torando-se pilar do método psicanalítico. A história, então, segundo Lacan, não é o passado, mas a deriva do sujeito, que restitui os sujeitos a seu estado clínico presente. A narrativa permite atualizar o *vir a ser* heideggeriano, latente nos sujeitos, que procura restituir seu passado, dar à luz as memórias, ponto de mira dos psicanalistas. Nesse caso,

“O fato de que o sujeito revive, rememora, no sentido intuitivo da palavra, os eventos formadores da sua existência, não é, em si mesmo, tão importante. O que conta é o que ele disso reconstrói” (Lacan, *ibidem*, p. 22).

### **Teorias do ego**

Acerca dos escritos técnicos, entre id, ego e superego, a instância mais importante foi a do ego porque, segundo Lacan

“É em torno da concepção do ego que gira desde então, todo desenvolvimento da técnica analítica, e é aí que é preciso situar a causa de todas as dificuldades que a elaboração teórica desse desenvolvimento prático coloca (...) Só nos endereçamos ao ego, só temos comunicação com o ego, tudo deve passar pelo ego.” (Lacan, *O momento da Resistência*, p. 24 e 25)

Esse momento importante da proposta de retorno de Lacan a Freud, devida a atenção dada ao ego, mais parecida com uma *antipsicanálise*, tem base cognitiva. O trabalho da consciência do ego é pura psicologia do ego.

Nesse caso, se não fosse a intervenção de Lacan, a Psicanálise não mais existiria, segundo especialistas, tal como ela é, uma vez que as correntes cognitivistas, ao aprisionarem o objeto da análise clínica ao ego, reduz o potencial de alcance da psicanálise para os sintomas do mundo, da sociedade, da vida em movimento.

Em Lacan, o ego é uma metáfora dos sintomas psíquicos e é por detrás dele que se busca o sujeito, indagando sobre o que dizer do conjunto de seu sistema.

No entanto, Lacan indaga sobre o ego do analista, que dá a medida do real.